



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

MAIO

Nº 272

ACORDO SYKES-PICOT NA ORIGEM DO CAOS NO ORIENTE MÉDIO

Publicado em <https://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2018/04/acordo-sykes-picot-na-origem-do-caos-no.html>



A divisão entre franceses e britânicos de territórios do antigo Império Otomano firmada há cem anos, durante a Primeira Guerra Mundial, gerou tensões e conflitos que só se agravaram com a passagem das décadas.

Por Kersten Knipp

Há cem anos, em 16 de maio de 1916, em plena Primeira Guerra Mundial, a França e o Reino Unido partilharam entre si vastas áreas do Império Otomano, já antecipando a própria vitória e sem qualquer consulta aos habitantes da região. O tratado secreto dessa partilha ficou conhecido como Sykes-Picot, em alusão aos diplomatas que o negociaram, o inglês Mark Sykes e o francês François Georges-Picot.

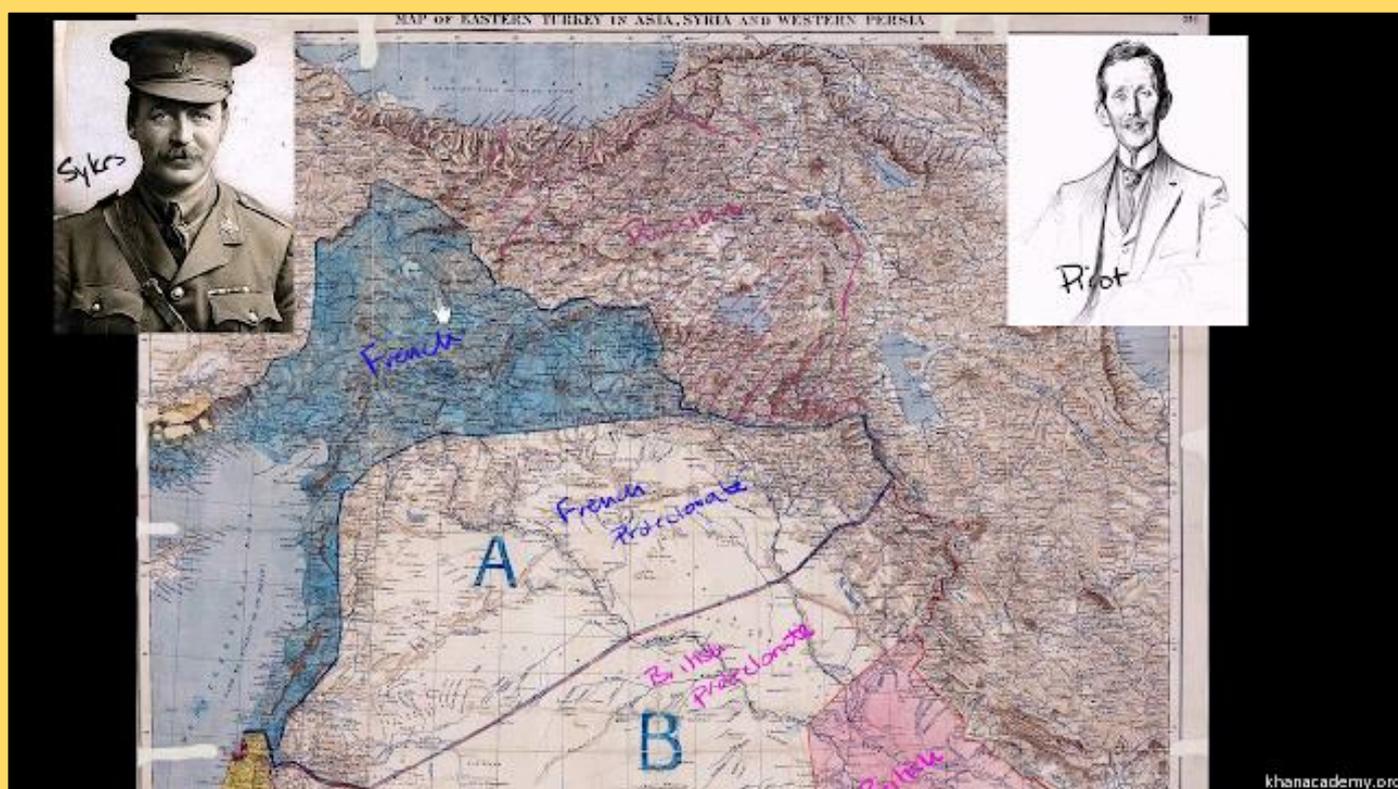
Aos franceses caberia um território do sudeste da atual Turquia até o Líbano, passando pelo norte do Iraque e pela Síria. Os britânicos regeriam o sul e o centro do Iraque.

As terras contidas entre esses dois territórios - englobando a atual Síria, a Jordânia, o Iraque ocidental e o nordeste

da Península Árabe - seriam um reino árabe sob mandato anglo-francês.

Também a Alemanha desempenhou um papel pouco louvável nessa negociação. Aliada do Império Otomano, ela queria enfraquecer por meios militares os seus inimigos na Primeira Guerra. Juntamente com o califa de Istambul, autoridade religiosa suprema dos sunitas, os alemães conclamaram os árabes à jihad, a "guerra santa" contra os britânicos.

Estes, em contrapartida, selaram uma aliança com o xerife Husseim bin Ali, segunda maior autoridade religiosa depois do califa, na qualidade de guardião das cidades sagradas de Meca e Medina, na atual Arábia Saudita.



Mark Sykes, Georges-Picot e o mapa original que definiu o tratado

Domínio anglo-francês sob fachada árabe

Em outubro de 1915, Henry McMahon, alto comissário da Grã-Bretanha no Egito, fez uma oferta sedutora ao xarife Hussein: se os árabes apoiassem seu país, este os ajudaria a fundar seu próprio reino. "A Grã-Bretanha está pronta a reconhecer e apoiar a independência dos árabes dentro dos territórios nos limites e fronteiras propostos pelo xerife de Meca", declarava McMahon numa carta.

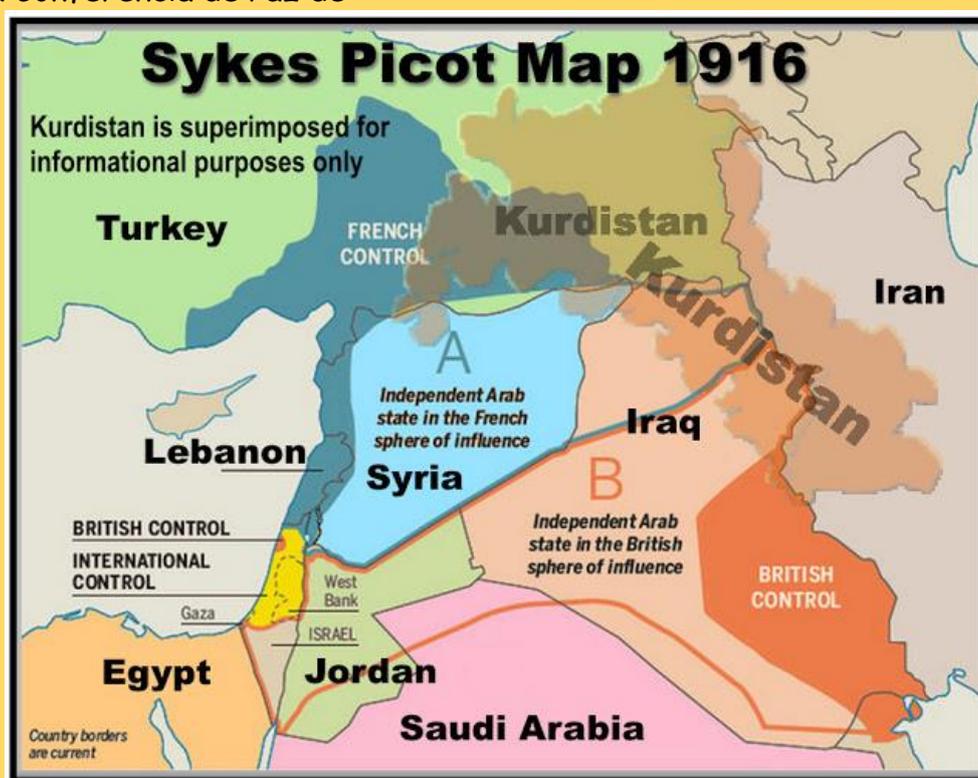
A aliança foi firmada. O líder dos árabes era o filho do xerife, Faissal bin Hussein. Apoiado pelo agente britânico Thomas Edward Lawrence - conhecido como "Lawrence da Arábia" - ele conseguiu forçar a retirada dos otomanos.

Após o fim da Primeira Guerra, a nova ordem geopolítica no Oriente Médio foi negociada na Conferência de Paz de

Paris, em 1919. Engajado pela causa árabe, Faissal comentaria:

"Estou confiante de que as grandes potências colocarão o bem-estar do povo árabe acima de seus próprios interesses materiais."

No entanto, ele se enganava. A França e a Grã-Bretanha se aferraram à divisão territorial já acordada: deveria haver Estados árabes, sim, mas sob influência anglo-francesa. Como comentou o então ministro do Exterior britânico, George Curzon, a questão era ocultar os interesses econômicos de seu país atrás de uma "fachada árabe", "governada e administrada sob direção britânica, controlada por um maometano nato e, se possível, por uma equipe árabe".



Os domínios e as fronteiras no Oriente Médio definidos pelo Tratado Sykes-Picot

Novos Estados, futuros conflitos

A importância dos pactos firmados durante a Conferência de Paris foi abran-

gente e de longo alcance. Além de resultar na fundação da Síria e do Iraque, um man-

dato da Liga das Nações ratificado em 1923 confirmava a criação de um novo Estado, o Líbano.

Outro mandato previa "o estabelecimento de um Lar Nacional para o povo judaico na Palestina", base para o futuro Estado de Israel. Em Paris, Faïçal declarou: "Eu asseguro que nós, árabes, não guardamos qualquer ressentimento étnico ou religioso contra os judeus, como o que

infelizmente predomina em outras partes do mundo." Contudo, essa boa vontade logo fracassaria diante de uma realidade cruel.

Também em 1923, a Grã-Bretanha separou a Transjordânia da Palestina, criando as bases para a atual Jordânia. Já em 1899 os ingleses haviam transformado o Kuwait em seu protetorado. Após o fim da Primeira Guerra, o declararam "emirado independente sob proteção britânica".

Reflexos atuais

O resultado final de tais reviravoltas geopolíticas na região foi a série de guerras e conflitos que perdura até hoje: a crescente tensão entre israelenses e palestinos, ocasionalmente explodindo em guerras; a guerra civil libanesa de 1975 a 1990; a Guerra do Golfo; os choques, igualmente com características bélicas, nos territórios curdos da Turquia e do Iraque, mais tarde também na Síria.

Tudo isso culminou na fatal invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003.

A má gestão que se seguiu endureceu os fronts de caráter religioso, redundando no nascimento da organização terrorista "Estado Islâmico" (EI). Além de ocupar territórios iraquianos, o EI se alastrou para a Síria, dilacerada pela guerra civil. A rigor, nem todos esses desdobramentos remontam exclusivamente à divisão do Oriente Médio no início da década de 1920. No entanto, nessa época foi lançado o fundamento de uma nova ordem regional que se mostrou solo fértil para tensões geopolíticas, revoltas e guerras.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

DIREITO DE RESPOSTA

*Eu, Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da Academia Canguçuense de História discordo da interpretação federalista do autor do artigo "Apontamentos sobre a relação de Júlio de Castilhos com os militares" no Informativo O TUIUTI 269, sendo que respondi à mesma do ponto de vista do Exército no livro **História da 3ª Região Militar 1889-1953**, no artigo **O Massacre Federalista de Rio Negro em 1993**, e também nas páginas 161-289 do livro **Brasil Lutas Internas 1500-1916 em defesa de sua Unidade e Integridade**. Este, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Todas as obras citadas estão disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.*

Na obra sobre a 3ª RM, acima citada, apoiei-me, em parte, no que foi abordado sobre a Revolução Federalista pelo General João Cezar Sampaio em seu livro "O Cel Sampaio e os Apontamentos do Dr. Wenceslau Escobar" (Globo: Porto Alegre, volume I), que respondeu à interpretação federalista deste autor em sua obra "Apontamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893". Ambos os livros foram publicados em 1920. História é Verdade e Justiça! Confiram!

VOCÊ CONHECE OS PRINCIPAIS FATOS DA CRONOLOGIA DA CHINA (até 1997)?

350.000 a.C.

Início da ocupação humana do território chinês.

(¹)

2205 a.C.

Primeira dinastia chinesa, a Xia.

1766 a.C.

Início da dinastia Shang. Difusão da metalurgia do bronze, trazida da Ásia Ocidental.

1100 a.C.

Início da dinastia Zhou. Diversificação da produção agrícola, expansão do comércio e da produção artesanal de tecidos. No século 6 a.C., consolida-se uma burocracia letrada.

800 a.C.

Difusão das trocas mercantis, com o uso de moedas de cobre.

221 a.C.

O Estado de Qin (pronuncia-se chin) vence reinos rivais, reunificando o império chinês. A nova dinastia (Qin) dá nome ao país (China). O novo imperador, Shih Huang Ti, manda destruir todos os livros sagrados (para libertar o país dos entraves da tradição) e enterrar vivos 460 letrados.

215 a.C.

O imperador Shih Huang Ti dá início à construção da Muralha da China, para impedir invasões de nômades vindos do norte.

618

Início da dinastia Tang. Estado se torna o proprietário nominal de todas as terras do país, que cedia lotes fixos aos camponeses em troca do pagamento de uma renda (em espécie). Expansão territorial do império (conquista da Manchúria, da Coreia).

960

Dinastia Sung.

1202

Início das invasões mongóis. Gengis Khan ocupa a Mongólia em 1204 e toma Pequim em 1215.

1280

Kublai Khan, neto de Gengis Khan, completa a conquista de todo o império chinês.

1368

Chineses do sul retomam Pequim. Início da dinastia Ming. Construção dos últimos trechos da Grande Muralha (6.000 km).

1512

Portugueses chegam à China.

1644

Vindos do norte, os manchus invadem a China e derrubam os Ming. Instauram uma nova dinastia. Submetem a Mongólia, o Tibete e fecham o país às influências ocidentais.

1839

Comerciantes ingleses, que queriam abrir o mercado chinês, provocam a Guerra do Ópio (1839-1842). O Reino Unido derrota a China e conquista a ilha de Hong Kong.

1844

Comerciantes norte-americanos e franceses obtêm vantagens semelhantes às dos ingleses. Expansão do comércio estrangeiro no país.

1851

¹ Nota do Editor: Época provável do reinado de Huang-Ti (2697 a.C. a 2597 a.C.) - o Imperador Amarelo, ancestral dos chineses da etnia Han, que é a principal da China. Ele foi um dos reis-sábios de moral perfeita e liderou a ocupação da bacia do Rio Amarelo. Por essa razão, os chineses são chamados de "amarelos".

Rebelião Tai-ping. Camponeses se revoltam contra o domínio dos mandarins confucianos, pedem a emancipação da mulher e a proibição do ópio. Conquistam Nanquim em 1853, mas são derrotados em 1866, com o auxílio das tropas ocidentais.

1858-1860

Reino Unido e França vencem a China na segunda Guerra do Ópio. A península de Kowloon é entregue ao Reino Unido.

1894

O Japão conquista a Coreia e Taiwan à China.

1898

Acordo estabelece que parte de Hong Kong será “arrendada” ao Reino Unido por 99 anos.

1899-1900

Guerra dos Boxers. Rebelião de camponeses e artesãos contra os estrangeiros. Tropas européias ocupam o país para esmagar a rebelião. Massacre de chineses.

1911

Republicanos liderados por Sun Iat-sen (fundador do Kuomintang, Partido Nacionalista) derrubam a dinastia Qing (pronuncia-se tchin) e proclamam a República da China, em Nanquim.

1912

Em 1º de janeiro o imperador renuncia. Yuan Che-Kai instaura um segundo regime republicano em Pequim. Sun renuncia em março em favor de Yuan para manter a unidade do país.

1916

Yuan tenta restaurar a monarquia, mas é forçado a renunciar. O país divide-se em dois governos, um em Cantão (comandado por Sun) e outro em Pequim.

1921

Fundação do Partido Comunista chinês. Pressionados pela URSS, os comunistas apóiam o Kuomintang de Sun.

1925

Morte de Sun. Tropas de Chiang Kai-shek, apoiadas pelos comunistas, conquistam Nakeu, Nanquim e Xangai.

1927

Os comunistas, que apoiavam o Kuomintang, são esmagados pelas tropas de Chiang Kai-shek.

1928

Tropas de Chiang Kai-shek retomam Pequim.

1932

O Japão invade a Manchúria, no nordeste da China. Os japoneses criam um Estado fantoche (Manchukuo) na região.

1934

Campanhas de extermínio do exército nacionalista contra os comunistas. Mao Tse-tung comanda uma retirada das forças comunistas (a Longa Marcha) rumo ao norte, e anuncia que vai combater a invasão japonesa.

1937

Início oficial da Guerra Sino-Japonesa. Japão conquista rapidamente a China do Norte, incluindo Pequim. Pressionado por sua própria base militar, o Kuomintang acerta uma trégua com os comunistas para combater os japoneses.

1941

Japão ocupa Hong Kong. Os norte-americanos entram na guerra após ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbour.

1945

Rendição do Japão. Comunistas ocupam o Norte, enquanto os nacionalistas ocupam o sul. Guerra civil aberta entre os comunistas de Mao e os nacionalistas.

1949

No dia 1º de outubro, Mao proclama a República Popular da China, comunista. Os nacionalistas fogem para Taiwan.

1950

A China apoia a Coréia do Norte na Guerra da Coréia (1950-1953).

1958

Mao lança o Grande Salto para a Frente, programa de crescimento econômico com ênfase na industrialização. O projeto fracassa.

1961

Rompimento entre comunistas chineses e soviéticos. Os chineses criticam o “revisionismo” soviético, que passava por um processo de desestalinização e relativa aproximação com o Ocidente.

1966

Mao lança a Revolução Cultural, período em que radicaliza suas teses e busca fortalecer seu poder. Estudantes e operários maoístas (guardas vermelhos) derrubam os líderes mais moderados do partido, como Deng Xiaoping.

1971

A ONU reconhece o governo de Pequim como o representante da China na organização (inclusive no Conselho de Segurança) e exclui Taiwan.

1972

O Reino Unido estabelece relações diplomáticas com a China.

1976

Morre Mao, encerrando a Revolução Cultural.

1978

Deng Xiaoping consolida seu poder e inicia a abertura econômica.

1979

Estados Unidos e China estabelecem relações diplomáticas “completas”.

1984

A primeira ministra Margaret Thatcher e o primeiro-ministro chinês Zhao Ziyang acertam a transferência de Hong Kong à China para 1997.

1989

Revolta estudantil na praça Tiananmen, em Pequim, pedindo democracia, abala o regime. Estima-se que entre 200 e 2.000 pessoas foram mortas na repressão do movimento.

1997

Morre Deng Xiaoping, em fevereiro. A partir de 1º de julho, Hong Kong volta ao domínio chinês.



"Quando a guerra grassa e o perigo é iminente, Deus e os Soldados são o clamor do povo. Quando a paz é feita e todas as coisas são restabelecidas, Deus é ignorado e os Soldados esquecidos" (Ditado inglês).



EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS

CEL INF EM, PRESIDENTE DA AHIMTB/RS

LECAMINHA@GMAIL.COM

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:

HTTP://ACADHISTORACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/